

ADOLESCENTES (IN)VISÍVEIS: ABANDONO, BULLYING E MISOGINIA NA SÉRIE ADOLESCÊNCIA

Bruna Ferreira de Matos Rocha¹, Matheus Barbosa de Oliveira², Michele Pereira Vilas Novas³, San Thiago de Araújo e Silva⁴

¹Estudante do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: bruna.rocha@estudante.ifto.edu.br

²Docente do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: matheus.oliveira@ifto.edu.br

³Docente do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Orientadora. e-mail: michele.novas@ifto.edu.br

⁴Docente do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: san.silva@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado por muitas transformações físicas, emocionais e sociais, mas também por vulnerabilidades que, muitas vezes, passam despercebidas no cotidiano familiar. Na série *Adolescência*, da Netflix (2025), o retrato de jovens carentes de atenção e afeto dos pais, que muitas vezes ausentes, devido ao cotidiano marcado pela pressa e pela sobrecarga de trabalho, expõe um fenômeno cada vez mais presente: a invisibilidade juvenil. Esse distanciamento prejudica a autoestima, a ideia de pertencimento e a construção da identidade, especialmente quando isso é somado aos padrões sociais excludentes e a situações de violência como o bullying.

Nesse contexto, muitos adolescentes encontram nas comunidades virtuais misóginas, como os movimentos *Incel* e *RedPill*, não apenas um espaço de acolhimento para suas frustrações, mas também um terreno fértil para ampliarem discursos de ódio e preconceito. O que inicialmente pode parecer apenas uma busca por pertencimento acaba, muitas vezes, transformando-os em novos opressores, perpetuando ciclos de violência simbólica e material. Dessa forma, investigar essas dinâmicas torna-se essencial para compreender como a negligência afetiva familiar, intencional ou não, e a exclusão social podem contribuir para o fortalecimento de ideologias misóginas que atravessam e moldam as novas gerações. Mais do que ficção, o fenômeno dialoga com realidades concretas que demandam um olhar atento da educação, da psicologia, das políticas públicas e de toda a sociedade.

2 OBJETIVO

Analisar como a invisibilidade e o abandono parental podem levar adolescentes à inserção em comunidades virtuais misóginas e à reprodução de discursos de ódio contra mulheres.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Yin (2001, p. 39), “um projeto de pesquisa constitui a lógica que une os dados a serem coletados (e as conclusões a serem tiradas) às questões iniciais de um estudo”. Nesse sentido, este trabalho se estrutura como um estudo de caso com abordagem qualitativa, tendo a série *Adolescência* (Netflix, 2025) como objeto de investigação. A escolha metodológica busca articular as questões de pesquisa à análise do material, reconhecendo, porém, os limites do uso da ficção como corpus central. Embora ofereça representações potentes para refletir sobre dilemas sociais, a

obra não pretende reproduzir a realidade de forma literal, devendo ser compreendida como espaço simbólico e interpretativo. Ainda assim, a ficção constitui um recurso privilegiado para problematizar fenômenos coletivos, condensando tensões e experiências vividas por adolescentes.

A análise do conteúdo foi realizada por meio da proposta de Bardin (2016), que é composta por três fases principais: a pré-análise, que envolve o contato inicial com o material e a definição dos objetivos de análise; a exploração do material, na qual se organizam, classificam e categorizam os dados coletados; e o tratamento dos resultados e interpretação, etapa final em que se realiza a análise crítica e a construção dos sentidos presentes no corpus. Esse procedimento permite identificar e interpretar os significados presentes nos diálogos, enredos e representações visuais da série, evidenciando os processos de invisibilidade social e adesão a discursos misóginos entre os adolescentes retratados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A série *Adolescência* apresenta de forma contundente a problemática da masculinidade tóxica, especialmente por meio do personagem Jamie. Inicialmente, ele parece um garoto sociável, mas ao longo da narrativa revela comportamentos agressivos e discursos misóginos que denunciam como o patriarcado impõe formas de ser homem baseadas na virilidade, na força e no poder. Essa lógica, como explica Butler (2018), faz parte da performatividade de gênero, na qual desde cedo meninos e meninas aprendem a reproduzir comportamentos socialmente reconhecidos como masculinos ou femininos. A masculinidade, tradicionalmente associada à força, virilidade e poder, legitima a violência e a dominação, cujas consequências recaem, principalmente, sobre as mulheres.

Alguns conflitos apresentados pela série podem ser interpretados a partir da teoria das relações objetais de Melanie Klein (1994), que ressalta como o desenvolvimento emocional é marcado pelas experiências familiares. Os dilemas de Jamie refletem a complexidade de seu vínculo com os pais, e um diálogo marcante entre eles evidencia um certo distanciamento: “Ele não saía do quarto. Chegava, batia a porta e ia direto para o computador” (*Adolescência*, 2025). Essa fala revela a crença equivocada de que manter o filho isolado seria uma forma de protegê-lo, quando na verdade esse afastamento o torna ainda mais vulnerável a riscos invisíveis. A cena nos leva a refletir sobre o desafio contemporâneo das famílias em acompanhar os jovens em múltiplos espaços, sobretudo os digitais, que atravessam suas vidas.

As narrativas da série também dialogam com o conceito de violência simbólica de Bourdieu (1998), ao mostrar como expressões cotidianas como “homem não chora” ou “isso é coisa de menina” limitam a expressão emocional dos meninos, levando-os a reprimir sentimentos e a sentir-se invisíveis. Paradoxalmente, muitos homens que reproduzem esse padrão também sofrem angústias e frustrações, e, como observa bell hooks (2019), aqueles que rompem com essas normas

são frequentemente marginalizados. Nesse cenário, como destacam Lacombe e Oliveira (2024), nem todo homem é machista, mas afirmam que “é perturbador viver em um mundo que começa a rever o lugar da mulher e os papéis de gênero. Para muita gente, era mais simples quando os papéis já estavam definidos. Homem faz isso, mulher faz aquilo” (p. 37).

Essa dificuldade de lidar com novas formas de masculinidade contribui para a adesão de jovens a comunidades como *Incel* e *RedPill*, cada vez mais frequente e preocupante. Nesses espaços, frustrações individuais se transformam em ressentimento coletivo contra mulheres, como ilustra a fala de Jamie ao afirmar que “80% das mulheres se interessam por 20% dos homens. E, eu acho que eles têm razão” (Adolescência, 2025). Tal narrativa não se limita à ficção: pesquisas como as de Nagle (2017) e reportagens da BBC News (2025) revelam que esses discursos circulam amplamente em fóruns virtuais, tornando adolescentes emocionalmente fragilizados e mais suscetíveis a esses espaços digitais de ódio.

A teoria psicossocial de Erikson (1998) ajuda a compreender esse processo, ao destacar que a adolescência é uma fase em que os indivíduos buscam consolidar sua identidade e papel social. Quando esse desenvolvimento ocorre em um ambiente marcado pela invisibilidade familiar e pela falta de atenção emocional, os jovens podem canalizar sentimentos de frustração para práticas de ódio e violência. Na série, o percurso de Jamie ilustra exatamente essa vulnerabilidade, na qual o isolamento doméstico cria terreno fértil para sua aproximação com discursos radicais.

Por fim, a série denuncia também o papel da escola como espaço de negligência. O bullying aparece naturalizado, sem intervenção ou reflexão, agravando a insegurança dos adolescentes. Essa dimensão escolar, somada à ausência de acompanhamento familiar e ao poder das redes sociais como espaços de validação de narrativas misóginas, mostra que o problema não se restringe a uma instância isolada. Família, escola e ambiente virtual funcionam como instâncias complementares que, quando falham em oferecer acolhimento e diálogo, contribuem para que adolescentes busquem pertencimento em comunidades tóxicas. O ódio dirigido às mulheres, portanto, emerge não apenas como sintoma de dores individuais, mas como um mecanismo coletivo de construção identitária, sustentado por estruturas sociais que ainda naturalizam a violência e a exclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da série *Adolescência* evidenciou que a invisibilidade parental e o abandono afetivo não apenas fragilizam os adolescentes, mas podem direcioná-los a comunidades virtuais misóginas, como *Incel* e *RedPill*, onde frustrações individuais são transformadas em discursos coletivos de ódio. A trajetória de Jamie mostra como a ausência de supervisão familiar, associada ao bullying escolar e à validação de narrativas radicais nas redes sociais, cria condições para que a misoginia se torne parte da identidade juvenil.

Entretanto, é preciso destacar que se trata de uma obra ficcional, cujos resultados não devem ser lidos como retratos fiéis da realidade, mas como interpretações simbólicas que ilustram questões do cotidiano juvenil. Apesar dessa limitação, a série se revela um dispositivo potente para refletir sobre invisibilidade, misoginia e pertencimento, ampliando o debate acadêmico e social.

O estudo confirmou o objetivo proposto ao demonstrar que a negligência afetiva não apenas gera vulnerabilidade, mas também pode transformar jovens em agentes de opressão, reforçando padrões patriarcais e perpetuando violências simbólicas e materiais contra as mulheres. Diante disso, torna-se urgente pensar em estratégias integradas entre família, escola e sociedade, capazes de promover diálogo, acolhimento e educação para as emoções. Mais do que problematizar o isolamento juvenil, a pesquisa aponta para a necessidade de repensar os cuidados com a adolescência em um contexto marcado pela conectividade digital e pela fragilidade dos vínculos afetivos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GRAHAM, S.; THORNE, J. 2025. Netflix. **Adolescência**. Minissérie de TV. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81763204?trackId=268410292> Acesso em 20 de maio de 2025.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KLEIN, Melanie. **Narrativa da análise de uma criança: o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos**. Rio de Janeiro: Imago, 1994 512p. ISBN 85-312-0340-6.

LACOMBE, Milly; LINS DE OLIVEIRA, Paola. **Feminismo para não feministas: Como o machismo machuca todo mundo**. 1. ed. [S.l.]: Planeta, 2024.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies: Online Culture Wars From 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Winchester: Zero Books, 2017. 136p.

Quem são os incels, o movimento sombrio retratado na aclamada série 'Adolescência'. **BBC NEWS Brasil**. 21 de março de 2025. Notícias. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4l5np5qe8o> Acesso em 05 de ago. de 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grass - 2. ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.